

D. T.

— Manhã

Para José Amorim, violentado e morto na cadeia, em 20 de abril de 2002.

Hoje deve ser domingo, porque vi da janela uma de minhas irmãs me chamando para brincar. Se não fosse final de semana, elas estariam na escola. As duas estudam; eu, não. Mas não quero brincar. Não gosto de ir à casa da vizinha, nem entendo por que minhas irmãs preferiram morar lá.

Papai continua dormindo, mas o sol vai alto e quente. Deve estar na hora: sinto fome. Saio sempre pela porta dos fundos; atravesso o terreiro e sigo três quarteirões até a casa da avó. Seguro o portãozinho enferrujado; chamo com voz alta. “Vó!” — uma vez, duas vezes. Aparece a tia: passa a mão em meus cabelos, diz que estão feito palha de aço, mas diz isso sorrindo. “Ainda são nove horas, Fran. Não tem almoço.” Saio rápido, fazendo o caminho de volta. Pedras, galhos, lama, já me acostumei. Faz tempo, os pés deixaram de sangrar, e as mãos também aceitam melhor o sabão demorado de lavar a roupa. Se eu deixasse, papai nunca se trocava; ficaria dias com a mesma camisa, o calção escuro.

Antigamente, havia uma criação de galinhas em nosso quintal. Ainda me lembro dessa época, quando a mãe vivia com a gente. Ela fazia galinhada para o almoço de domingo, e era muito bom. Geralmente, minhas irmãs se encarregavam de perseguir a ave para matar. Eu era pequena; ficava só olhando as meninas correndo atrás da galinha, naquela festa, até que minha mãe chegava, ríspida, e mandava que se acabasse com a brincadeira. Então uma das meninas se posicionava com o estilingue e acertava o bicho, que caía de lado, com a pedrada. A mãe ia buscar a galinha pela asa, e nós ficávamos meio tristes, porque a perseguição tinha durado pouco. Mas hoje o terreiro está vazio, não resta nenhum frango: todos foram vendidos, quando o dinheiro se tornou mais urgente que a refeição de domingo.

Abro a porta do quarto e vejo papai dormindo. Ronca alto, como se fosse alguém muito gordo, mas ele é franzino e sei que várias vezes fica sem comer. Pela manhã, eu preparava cuscuz, conseguia pão, mas a comida sempre endurecia antes que ele conseguisse

estar de pé. Agora me preocupo somente com o almoço. Não todo dia, é verdade, porque às vezes papai consegue acordar cedo e até sai, em busca de algum trocado. A velha carroça de catador vai rodando, puxada pelas mãos grossas de meu pai. A cada esquina, ele para, investigando o lixo amontoado em calçadas — procura papelão, que vende para reciclagem. É trabalho de horas, até que se encha a carroça. No retorno, suado, penso que papai está arrependido de tanto esforço. Nos próximos dias, ele ficará trancado em casa, esvaziando garrafas no quarto.

Tento adivinhar as horas, pelas mudanças no céu. Gasto o tempo lavando panos na pia da cozinha. Justo em frente, a janela aberta. Minhas irmãs estarão brincando na casa do outro lado da rua. Elas têm idades muito próximas, 12 e 13 anos. Talvez por isso estejam sempre juntas. Saíram juntas, para morar com a vizinha, quando a mãe foi embora. A gente ouvia as brigas na sala, do pai com a mãe, e depois apareciam manchas escuras na pele do rosto e dos braços, na mãe. Um dia ela partiu, sem dizer nada. Dona Anastácia foi quem comentou que ela havia saído da cidade. Então minhas irmãs se mudaram para a casa em frente, mas eu quis ficar. Papai precisava de alguém com ele.

O dinheiro dos frangos sumia, e eu achava aquilo um mistério, um encantamento. A mãe se desesperava, ao olhar o fundo da latinha: contava as notas e moedas, ficava com raiva, batia na gente. Certo dia, obrigou-nos a ajoelhar sobre milho, sem que eu soubesse a razão do castigo. Meus joelhos doíam; só tinha para olhar a parede descascada em frente — e foi quando minha irmã mais velha disse, quase gritando: “Eu vi o pai tirar o dinheiro.” A mãe saiu transtornada, e caí sentada para trás, quando a porta bateu: massageei as pernas, tentando desfazer as marcas na pele. Horas depois, papai chegou, bêbado. Não disse nada, foi dormir. A mãe não apareceu em casa naquela noite.

Ando novamente pela rua, o sol bem mais forte. Sinto o corpo suar, enquanto vou contando as árvores do caminho. Sempre encontro algo novo para contar. Já me distraí observando pássaros, cães, bicicletas, varais de roupa. Agora vejo as árvores, quase dez, até a casa da avó. Chamo, segurando as barras do portãozinho. A tia diz, aproximando-se: “Ah, Fran, o gás acabou. O almoço ainda não ficou pronto. Mas entre, venha comer um biscoito.”

A casa da tia e da avó: tão bonita, com azulejos na cozinha e bancos estofados. Eu me sento, esperando. Sei que devo parecer um cachorrinho de pelo marrom. Estou suja, os dentes sujos partindo os biscoitos, engolindo o café. Vovó aparece, com seu cabelo branco e crespo, o vestido de algodão. Beija-me no rosto e me entrega uma toalha. Depois do lanche, vou tomar banho.

— Tarde

Da última vez, foi pior. Achei que não iria conseguir o suficiente para encher a carroça. Andei quilômetros, antes de chegar à casa do Ismael, que negocia com essas coisas. Ele me ajudou a descarregar as caixas desfeitas; empilhou o papelão num canto da sala, já obstruída por outros quilos de garrafas, latinhas de cerveja e materiais de plástico. Olhou-me por cima de seu bigode cinza, caído para os lados, que parece um peixe. Contou algumas notas e me deu. Eu não disse nada; voltei para casa, puxando a carroça. Já sentia a cabeça zoar, a multidão de abelhas nos ouvidos. Pequenas luzes espocavam na vista, e não sei quanto tempo levei até acertar o caminho. Estava escurecendo, quando Fran abriu a porta: entreguei algum dinheiro para ela e entrei no quarto.

De madrugada, acordei pensando em bebida. Sobrara apenas uma dose de pinga, mas eu tinha uns trocados no bolso. Fui ao bar que fica aberto na Rua Doze — ânsia na garganta, tremor nas mãos. Pedi duas garrafas da purinha; aguardei que me fizessem um embrulho. Bebo sempre em casa; não gosto do ambiente de bares, conversa, risos. Mal cumprimentei os conhecidos, enquanto voltava para casa. Fran estava dormindo: vi sua pequena sombra, deitada na rede, à luz da lamparina. O copo de vidro já se impregnara do cheiro da pinga, e nem me dei ao trabalho de lavá-lo, comecei a beber no gargalo. Vi amanhecer o dia e adormeci novamente.

Não sei quanto tempo fiquei assim, acordando apenas para beber, dormindo de novo, bebendo sem comer nada. Várias vezes aconteceu isto: as batidas na porta, leves, da mão de Fran, me chamando.

O som na madeira, insuficiente para me acordar. Apenas a sensação nublada de uma voz de criança, meus olhos se abrindo para a claridade e a penumbra, sucessivamente, sem que o corpo tivesse ânimo de reagir.

Quando Maria ainda não tinha fugido, acho que era diferente. Não recordo direito, é verdade, mas existem lembranças esparsas das meninas juntas, brincando, e a mulher sorrindo, ao fazer o almoço. Eu trabalhava de pedreiro, então; bebia apenas no fim de semana. Mas depois começou a ânsia, o desejo cada vez mais forte, e a mulher com suas brigas, o som estridente da voz dando ordens. Meu punho caía com força, dedos fechados em murros, ou abertos na palmada. A mulher chorava, sumia com as manchas de sangue pisado no rosto. Até o dia em que foi embora, e Dona Anastácia catou minhas duas filhas, antes de falar que Maria nunca mais iria voltar. Fran não quis se mudar para a casa da vizinha.

Antigamente, eu também não rejeitava as pessoas; tinha amigos, conversava com a família, fazia visitas. As meninas estudavam, tão engraçadinhas no uniforme azul da escola. Havia uma criação de galinhas no quintal comum, e ninguém brigava pelos bichos, comprados por mim e pelo Zaranza, o vizinho do lado. Quando se precisava de um trocado, era só vender um dos frangos. Se alguém fazia sopa, sempre exagerava um pouco na quantidade, para distribuir uma porção pelas casas próximas, todas com gente amiga.

Dona Anastácia organizava novenas e festas santas, e aquilo distraía as pessoas. Lembro que fui aproveitando esse período para me isolar — Maria estava ocupada com as crianças, fazendo rifas ou preparando barracas e gincanas. Eu me trancava no quarto; bebia rapidamente, escondendo a maior parte das garrafas. Não percebia a hora em que o pessoal voltava: estava dormindo pesado, e ficava assim por dois, três dias. Perdi o emprego sem lamentos; até ri, quando cheguei à construção e me disseram que não era mais pedreiro. Olhei para o mestre-de-obras e ri alto, descontrolado, rindo da cara vermelha do homem, de suas calças largas. Levaram-me à força para outra esquina, eu ainda no acesso de riso. Senti uma pancada forte no queixo, e foi quando me calei.

Maria lavava roupas, costurava. No tempo livre, estava sempre se queixando, eu sabia, com Dona Anastácia. Também, pouco me importava. Acostumei-me ao gesto automático de procurar dinheiro na latinha. Antes, fazia isso com remorso, dizendo para mim mesmo que havia de devolver a quantia, logo que arrumasse um emprego. O dinheiro significava um frango vendido, uma trouxa de roupas passada, a feira da semana, mas, para mim, era simplesmente a entrada no paraíso, através da boca. Aos poucos, fui me tornando ousado: mal escutava a porta batendo, denunciando que Maria não estava, metia a mão à procura de moedas, no fundo da lata. As meninas viam; não lhes dizia nada. Saía em seguida, para voltar com outras garrafas e trancar-me no quarto.

Muita gente veio me falar, então. Acho que o único que não tentou me aconselhar foi o Zaranza, velho companheiro. Nem mesmo ao perceber o prejuízo na sua parte de frangos, vendidos ou bebidos por mim. Ficou em silêncio, sem me incomodar. Talvez estivesse zangado, mas não quis me aborrecer. Fechou-se como uma ostra, o velho, e passou a me evitar na rua, atravessando para outra calçada. Tanto melhor. Melhor aquilo que censuras e conselhos.

Até minha mãe não compreendeu. Quando soube que Maria tinha fugido, veio em visita solene, junto com minha irmã. As duas se horrorizaram com o estado dos cômodos, a sujeira e a falta de comida. Disse que as meninas estavam com a vizinha e eu mesmo não me importava com nada. Ofereceram-se para fazer limpeza, trazer isso ou aquilo. Minha cabeça doía; já não tinha dinheiro e fazia horas que estava sem beber. As mulheres insistiam, investigando a poeira sob a cama, o cheiro das roupas, o conteúdo das latas... não aguentei. Dei um grito alto, agudo, expulsando-as

como quem expulsa um demónio. A vizinhança toda deve ter ouvido. Sei que nunca mais a mãe e a irmã apareceram.

— Noite

Para Francilene Amorim, 7 anos,
assassinada em 18 de abril de 2002.

Aconteceu que certa vez ele trancou a porta da frente, enquanto a filha estava fora. As meninas mais velhas moravam com Dona Anastácia, mas a caçula tinha insistido em ficar com o pai. Forçou a maçaneta com sua mãozinha, chamou, gritou — nada. Apareceu um vizinho que a levou dali: apenas alguns metros, até a esquina. Dona Anastácia abriu-lhe os braços, pouco antes de resmungar as palavras de costume. Aquele homem não prestava, bêbado infeliz, que agora punha a filha na rua. As irmãs de Francilene alegraram-se, inventaram brinquedos. A menina distraiu-se um pouco, mas naquela noite quase não dormiu.

No dia seguinte, foi o mesmo. Por mais que olhasse para a estreita porta de madeira, não havia jeito de ela abrir. Francilene lembrava as palavras mágicas da história que há muito tempo uma professora havia contado: “Abre-te, Sésamo!” Achou aquilo tão bonito, que deu o nome de Sésamo a um cão vadio que volta e meia aparecia no bairro, para receber restos de comida. Era um cão negro, de orelhas caídas. Todos se encarregavam de alimentá-lo, com arremessos de osso. Mas ninguém sabia do nome secreto que ele carregava. Francilene sorria ao vê-lo: Sésamo.

Agora, porém, não existia mágica. Ou as portas não obedeciam, como os cachorros quando chamados. Passaram-se mais dois, três dias, com a porta emudecida. Francilene deixou de comer, teve febre. As duas irmãs lhe rondavam a cama, como pássaros sombrios, enquanto Zaranza resolvia chamar a polícia. Esperava encontrar um corpo já meio apodrecido. Mas, quando os policiais forçaram a fechadura da porta e conseguiram abri-la, acharam um homem muito magro sentado na rede. Alguém lhe perguntou o que tinha acontecido, e então ele abriu os olhos sanguíneos contra a luz e disse: “Nada.”

Dona Anastácia insistiu que a menina ficasse com as irmãs; havia espaço para todas. Francilene não respondeu: no instante em que os policiais saíram, entrou na casa onde o pai estava, derreado na rede como um inválido. Então recomeçou sua rotina de criança ocupada com afazeres domésticos.

Primeiro, as poucas peças de roupa que suas mãozinhas lavavam com sabão de coco, antes de deixá-las secando no prego que antigamente segurava os xaxins na parede — assim, demorava um pouco mais, e as roupas não secavam logo por inteiro, mas Francilene ainda não alcançava o varal que se estendia entre duas árvores. Depois, o almoço de todo dia, geralmente conseguido com a avó, porque o dinheiro, quando havia, era economizado para o café e a rapadura, o leite e o pão: desjejum que o pai nunca tomava. Por fim, os pequenos brinquedos que inventava, nas horas vagas — o carrinho de lata puxado por um barbante, a boneca de espiga que logo se desmanchou, o jogo de botões para jogar sozinha.

Francilene certa vez encantou-se com o voo de uma pipa serpenteando no céu. Foi há muito, muito tempo; lembra apenas que era agosto, porque ventava bastante e quase todos os meninos da rua fizeram papagaios para soltar. A mãe ainda estava em casa e interrompeu a filha, que pedia um brinquedo: “Esse negócio de pipa é coisa de menino.” Mas o pai não olhou para a esposa; pegou a mão da filha e saíram para comprar uma daquelas arraias vistosas, parecidas com trapézios.

O pai, sóbrio; sua mão segurando o frágil papel da arraia, colorida de sol. Não demoraria muito para o brinquedo rasgar, desmanejado por uma brisa mais forte. Francilene recolheu seus restos; escondeu uma parte da serpentina da cauda e as varetas na cama, entre o estrado e o colchão. Toda noite, quando se deitava, sentia o contato das finas madeiras, à altura dos joelhos. Aquilo não a incomodava — eram lembranças, pequenos ossos, de uma época feliz.

Quando José Amorim entrou no quarto, naquela madrugada, não sabia que debaixo do colchão da filha estavam os restos de uma pipa que fora presente dele. Também não lembraria nunca que tinha comprado uma arraia vermelha numa tarde de agosto e passado horas ensinando a menina a lidar com o vento. Já lhe era impossível recordar muitas coisas: o rosto da esposa Maria, por exemplo. A esposa que um dia partiu sem dizer nada, uma ausência que só lhe trouxe alívio, porque então não ouviria mais nenhuma voz estridente nem teria de se esforçar com os punhos fechados para calar aquela voz.

José Amorim entrou no quarto que não era o seu, e no momento não distinguiu nada do ambiente recém-iluminado. Sabia somente que estava sem dinheiro e há dois dias não conseguia um gole de álcool. Passara um tempo dormindo, mas agora, sem saber exatamente se estava acordado, é que lhe vinham os pesadelos. Não tinha fome, mas, por uma espécie de instinto, quis comer. Antes, havia a criação de galinhas no quintal, e agora um enorme caranguejo marrom surgia, imóvel a sua frente. Pareceu-lhe terrível, o animal, e mais que comê-lo, tinha de exterminá-lo, como se faz com uma cobra venenosa.

Durante alguns instantes, o homem esteve atordoado, sem saber para onde se voltar. Atravessou a cozinha, sentindo com horror que o solo começava a se desfazer sob seus pés. O chão líquido, o calor da noite — a única coisa sólida era a pedra que segurava a porta que dava para os

fundos da casa. José pegou a pedra; a porta bateu sem ruído. Arma compacta de um guerreiro: uma pedra segurada firme, para quebrar a carapaça de um caranguejo. Não lhe pareceu suficiente, porém. Depois do segundo golpe, olhou entre os dedos, e a pedra então era pequena e mole, somente um grão acinzentado.

José voltou à cozinha, desta vez lentamente. Estava ali, encostada na parede, uma vassoura. O cabo fino de madeira partiu-se com um barulho de folhas secas e pisadas. Agora, uma lança, uma espada que serviria para afundar a carne fresca do crustáceo, o peito róseo que era a continuação da cabeça. Aquilo extenuava; o homem terminou o serviço tenso e ofegante, sem pensar mais em comer. Sentou-se à beira da cama, o cabo de vassoura caído no chão. Olhou para o enorme caranguejo a seu lado e lhe pareceu que perdia as pernas, a articulação das patas, e ficava mais vermelho que marrom.

Três pancadas surdas na porta, antes que Zaranza surgisse, metido num pijama. O vizinho olhou com espanto para José, que não disse nada. Tinha uma expressão distraída, parecendo esquecer por que havia chegado ali. “Quer alguma coisa?”, perguntou-lhe o velho, e José apenas apontou a própria casa, distante alguns passos. Zaranza hesitou; era de madrugada, e a lua minguante não deixava ver nem os arbustos do terreiro. Já não sabia se confiava naquele homem que fora seu amigo, mas depois se desconhecera, de tão alcoolizado.

Da entrada, pelo quintal, Zaranza viu que a cozinha se iluminava apenas pela lâmpada acesa num dos quartos. “O que foi, José? Que é que você quer?”, tornou a perguntar. O homem não se voltou, continuando a andar, e foi seguindo naquela direção que o vizinho então parou. José ficou ao lado da cama, olhando para lugar nenhum. No colchão, a pequena Francilene deitada, com o crânio achatado e nódoas de sangue no peito.

José Amorim não fez menção de fugir; ficou esperando na casa, enquanto o vizinho saía para chamar a polícia. Estava amanhecendo, quando as viaturas chegaram. A porta da frente, que há muito tempo permanecia fechada, abriu-se num estrondo. José estendeu as mãos para as algemas e baixou os olhos para não encarar as pessoas paradas na rua. Todos reunidos, algumas vozes altas — ali estava também Dona Anastácia, trazendo as duas irmãs de Francilene. José conservou os olhos baixos enquanto os policiais o conduziam, e apenas se deteve para observar um cão negro que cruzava a calçada.